

Trump diz que guerra no Irã terminará logo após eleição de meio de mandato nos EUA

REUTERS/ FOLHAPRESS

Premiê de Israel também afirma que regime persa está à beira do colapso com intensificação de combates

Por **Folhapress**

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou nesta quarta-feira (9) que a guerra com o Irã terminará “imediatamente após” as eleições de meio de mandato nos EUA, em novembro. Teerã, segundo Trump, estaria tentando influenciar a votação, mas não conseguiria resistir por mais tempo diante da pressão econômica dos EUA.

“Acho que a guerra vai acabar imediatamente após a eleição, porque eles não conseguem mais resistir. Estão desesperados para tentar influenciar a eleição”, disse ele a repórteres antes de partir para a Convenção Nacional Republicana em Dallas, no Texas.

A guerra de Trump contra o Irã entrou recentemente em seu sétimo mês, sem que se vislumbre um fim imediato. Nos primeiros meses de guerra, o presidente americano afirmou múltiplas vezes que o conflito estaria próximo do fim, algo que não se concretizou desde então.

Nesta quarta-feira, o Irã afirmou ter atacado dez navios perto do estreito de Hormuz, depois que os EUA afundaram cinco petroleiros iranianos. A retomada dos combates fez o preço do petróleo disparar.

Os índices de aprovação de Trump caíram recentemente para um nível recorde de baixa devido à frustração dos eleitores

com a guerra contra o Irã e ao agravamento da crise do custo de vida nos EUA. As eleições de meio de mandato, marcadas para 3 de novembro, costumam ser um referendo sobre quem ocupa a Casa Branca e podem retirar dos republicanos o controle do Congresso.

Os preços do petróleo também cairão logo após a eleição, de acordo com Trump, assim que a guerra terminar, embora ele reconheça que negociações diplomáticas ainda sejam uma possibilidade, mas não a opção preferida. “Sim, uma negociação pode ocorrer, mas não é algo que estejamos considerando”, disse o presidente.

Com o mesmo argumento de que Teerã estaria próximo do esgotamento, o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, disse, durante uma visita às tropas israelenses no sul da Síria nesta quarta, que o país persa está à beira do colapso, à medida que os combates se intensificam.

“Ainda há trabalho a ser feito. A principal tarefa é derubar o regime terrorista no Irã. Estamos muito próximos disso”, disse ele no lado sírio do monte Hermon, na fronteira entre Israel e a Síria, durante uma visita com o ministro da Defesa, Israel Katz. “Sabemos que todo o eixo acabará por entrar em colapso”, acrescentou, referindo-se aos grupos aliados do Irã no Oriente Médio.



Americano afirma que Teerã tenta influenciar pleito de novembro, mas que não conseguirá resistir a pressão

No sul da Síria, as forças israelenses estão estacionadas em uma “zona de segurança” desde a queda do ditador Bashar al-Assad, em dezembro de 2024. Elas ocupam o que antes era uma zona-tampão patrulhada pelas Nações Unidas, que separava as forças israelenses e sírias nas colinas de Golã, território sírio ocupado por Israel há décadas.

“Não permitiremos que nenhum Exército terrorista se estabeleça em nossa fronteira”, afirmou Netanyahu.

Sua viagem através da fronteira gerou condenação por parte de Damasco, que a classificou como provocativa e uma violação da soberania do país.

“A República Árabe Síria condena veementemente a entrada ilegal do primeiro-ministro da ocupação israelense, Binyamin Netanyahu, em território sírio e sua visita ao monte Hermon, em um ato provocativo e uma violação flagrante da soberania e da

integridade territorial da República Árabe Síria e do direito internacional”, afirmou o Ministério das Relações Exteriores sírio.

O primeiro-ministro esteve acompanhado pelo ministro da Defesa, Israel Katz, que se dirigiu ao presidente sírio, Ahmed al-Sharaa, em uma mensagem de vídeo filmada no topo do monte Hermon, prometendo que as tropas não se retirarão.

“Estamos aqui enviando uma mensagem muito forte e clara ao presidente da Síria, que se encontra a 35 km daqui, em seu palácio em Damasco: estamos aqui no monte Hermon, estamos na zona de segurança e não vamos sair daqui”, disse ele.

Katz também ameaçou o país persa. “O Irã está nos bastidores; atacamos o país duas vezes e, quando necessário, atacaremos uma terceira vez, a fim de continuar a neutralizar as ameaças”, disse ele.

Netanyahu já havia visitado

as tropas na Síria pelo menos duas vezes no passado: uma em dezembro de 2024, logo após Israel assumir o controle da zona-tampão, e outra em novembro de 2025. Katz visitou as tropas israelenses estacionadas no sul da Síria há duas semanas, o que gerou condenação por parte de Damasco.

A Síria havia sido uma aliada ferrenha do Irã sob a liderança de Hafez al-Assad e de seu filho Bashar, e abrigava grupos paramilitares pró-Teerã, mas a aliança chegou ao fim com a queda de Bashar.

Israel realizou centenas de ataques na Síria desde que líderes islâmicos assumiram o poder no lugar de Assad e fez repetidas incursões em território sírio. Autoridades também prometeram repetidamente manter tropas na chamada zona de segurança, onde Israel diz buscar uma área desmilitarizada mais ampla.

Agência nuclear da ONU denuncia Irã ao Conselho de Segurança

Pela primeira vez em 20 anos, a AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) aprovou nesta quarta-feira (9) uma resolução denunciando o Irã ao Conselho de Segurança da ONU por não cumprir as obrigações de transparência em relação ao seu programa nuclear.

A medida foi proposta pelo governo dos Estados Unidos, cuja guerra inconclusa contra a teocracia iniciada em fevereiro tinha como uma de suas premissas a necessidade de impedir Teerã de fabricar a

bomba atômica.

Os americanos tiveram apoio de aliados europeus na AIEA, órgão ligado, mas não subordinado à ONU. Segundo diplomatas, a votação fechada no ente executivo da agência, o Conselho de Governadores, teve 23 votos a favor, 8 abstenções incluindo o Brasil e 3 contra - Rússia, China e Níger.

A decisão é política, já que a AIEA não tem poderes de impor penalidades. Ainda assim, ao encaminhar a queixa ao Conselho de Segurança, aumenta-se a

pressão sobre Teerã, embora na prática isso possa ser inútil. Rusos e chineses, aliados do Irã, são 2 dos 5 votos com direito a veto no colegiado da ONU.

Assim, fica estabelecido um arcabouço técnico contra os iranianos em uma negociação.

O Irã, que havia ameaçado retaliar em caso de aprovação da resolução, apenas se queixou de seus termos. Disse que “a situação atual é resultado dos atos criminosos de agressão pelos EUA e pelo regime israelense”, sua representação em Viena,

sede da AIEA, escreveu no X.

Os iranianos disseram que o governo de Donald Trump busca um “objetivo ilusório” de forçar o país persa a “se render e a tomar seu petróleo”.

A medida ocorre quando as trocas pontuais de fogo entre os rivais voltaram a ocorrer no estreito de Hormuz, centro nervoso da disputa que era via de 20% do petróleo e do gás natural liquefeito do mundo antes da guerra.

A queixa da AIEA decorre da falta de inspeções da agência nas instalações nucleares iranianas. Elas eram previstas tanto pela adesão do país ao Tratado de Não Proliferação Nuclear como pelas provisões do acordo com os EUA e outros países de 2015.

Trump, no seu primeiro

mandato, retirou-se do arranjo em 2018. De lá para cá, segundo a última conta da AIEA, o Irã acumulou 440,9 kg de urânio enriquecido a 60%, suficiente para produzir ogivas nucleares rudimentares. Se o material for elevado a 90%, pode armar até dez bombas de capacidade plena.

O Irã alega que a inspeção não é possível justamente devido à guerra, criando um impasse. O país também diz que a AIEA trabalha em conluio com os EUA. No ano passado, os ataques contra o regime começaram um dia após a agência denunciar o estado de não cumprimento de obrigações de verificação por Teerã, algo reforçado em nova medida aprovada em junho.

Por Igor Gielow
(Folhapress)